

Configurações em confronto: cultura política e a imprensa de Guarapuava/PR nas eleições de 1958

André Bonsanto Dias

Graduado em História (UNICENTRO)

Graduado em Comunicação Social (UNICENTRO)

Resumo: Este artigo analisa a construção de culturas políticas por meio dos embates político-partidários sobre as eleições de 1958 em Guarapuava/PR, travadas nos jornais *Folha do Oeste*, de Antônio Lustosa de Oliveira (PSD), e *Tribuna Paranaense*, de João Ferreira Neves (PSP). A partir de um viés de uma história política renovada, os jornais foram entendidos como espaço de disputa política e de construção de representações socioculturais. Buscou-se compreender a linguagem e os argumentos usados pelos candidatos/proprietários dos jornais para convencer eleitores, num período em que se consolidava o conceito de uma imprensa neutra e imparcial, condicionada às lógicas do mercado e que tentava passar-se como “veículo de notícias”.

Palavras-chaves: História; Cultura Política; Imprensa; Guarapuava (cidade).

Abstract: This article analyzes the construction of political cultures through the political clashes addressed in the newspapers *Folha do Oeste*, owned by Antônio Lustosa de Oliveira (PSD party), and *Tribuna Paranaense* owned by João Ferreira Neves (PSP party), during the 1958 elections, in the city of Guarapuava/PR. Through the view of a renewed political history, the newspapers have been seen as a space for political dispute, as well as for the construction of social and cultural representations. It was sought to understand the language and the arguments used by the candidates/owners of the newspapers in order to convince voters in a period in which the concept of neutral and impartial press was only being consolidated, at the same time being conditioned to the marketing logics and attempting to be sold as a “news source”.

Keywords: History; Political culture; Press; Guarapuava (city).

Resúmen: Se examina la construcción de culturas políticas a través de periódicos de los partidarios asediados Antônio Lustosa de Oliveira (PSD - propietario de *Folha do Oeste*) y João Ferreira Neves (PSP - propietario de *Tribuna Paranaense*) en las elecciones de 1958 en Guarapuava/PR. Desde una mirada de nueva historia política, los periódicos son espacios de enfrentamiento político. La búsqueda es, por tanto, comprender el lenguaje y los argumentos utilizados por los solicitantes o titulares de los periódicos a la creencia de los (e)lectores con el fin de identificar las representaciones formuladas por ambos durante la disputa electoral.

Palabras-clave: Historia; Cultura política; Prensa; Guarapuava (ciudad).

O presente artigo tem como objetivo analisar as culturas políticas construídas e propagadas pela imprensa durante uma disputa eleitoral, compreendendo assim como estas podem estar sujeitas, dentro de um determinado contexto, a representações específicas. Com isso, pretende-se discutir como Antônio Lustosa de Oliveira, candidato a deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD) nas eleições de 1958 em Guarapuava/PR e proprietário da *Folha do Oeste*, e João Ferreira Neves, candidato a deputado estadual pelo Partido Social Progressista (PSP) na mesma eleição e proprietário da *Tribuna Paranaense*, utilizam-se do aparato da imprensa para legitimar seus discursos. Em uma fase marcada pela consolidação de um jornalismo que se afirmava por preceitos objetivos e imparciais, buscando acima de tudo a neutralidade, esta pesquisa pretende observar as culturas políticas produzidas pelos jornais, propagadas com o intuito de agir durante o ato eleitoral. Para tanto, a pesquisa pautou-se nos referenciais da chamada história política renovada, que abriu novas possibilidades de estudo.

O estudo da história política, que desfrutou de grande hegemonia durante todo o século XIX, foi colocado em contestação a partir de um momento em que a historiografia (mais especificamente a francesa) começa a se preocupar mais com as questões econômicas, sociais e o estudo de suas estruturas, privilegiando uma história mais global e coletiva, que mantinha relações com a realidade social, história essa que o político seria incapaz de realizar. A história política, até então, voltava-se mais às questões que privilegiavam o individual, o particular, ignorando as massas. “A história política reunia, portanto um número infindável de defeitos - era elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante - que uma nova geração de historiadores desejava liquidar”.¹ No entanto, esta história política vista como ultrapassada e anacrônica não foi totalmente liquidada e ganhou, aos poucos, novas perspectivas de estudo. Um dos grandes responsáveis por essa renovação do estudo do político foi o historiador francês René Rémond, que lançou, junto com outros pesquisadores no final dos anos 1980, uma coletânea, posteriormente traduzida para o português com o título *Por uma História Política*, uma espécie de manifesto a favor desta vertente interpretativa da história. Rémond, rebatendo as críticas anteriores, coloca o político sob novas problemáticas e interpretações. Isso se dá, principalmente, pela afirmação do político como unidade autônoma e participante de mudanças sociais, não sendo mais meramente condicionado às atitudes econômicas.

Essas novas interpretações são resultados, principalmente, do caráter interdisciplinar da nova história política e da sua aproximação com outras áreas

do conhecimento que, para Rémond, auxiliariam tanto no empréstimo de técnicas de pesquisa quanto na reformulação de conceitos, vocabulários e problemáticas.² Com isso, proliferam-se os estudos acerca de casos político/eleitorais como um todo, mostrando o caráter coletivo desta nova história política, que torna o ato eleitoral “o mais sincero e significativo de todos os comportamentos coletivos. Não há história mais total que a da participação na vida política.”³

Serge Berstein, em estudo intitulado “Os Partidos”, publicado na mesma coletânea organizada por Rémond, afirma ser importante ao historiador utilizar-se de abordagens sociológicas, examinando as imagens que o partido pretende passar.⁴ É a concepção de uma cultura política, conceito que, diz ele, é muito recente, apesar de seu conteúdo já ser conhecido e aplicado há algum tempo. Para Berstein, “a cultura política aparece, em suas diversas manifestações, como a linguagem comum simplificada (da qual o rito é a forma mais sumária) dos membros de uma formação, que desse modo fazem profissão de ideologia sem precisar necessariamente exprimi-la explicitamente, mas com a certeza de serem facilmente compreendidos por todos os membros do grupo.”⁵

Baseado nos pressupostos da história política renovada, em que se criam possibilidades para novas análises e interpretações do político, este estudo tem a imprensa como objeto principal de pesquisa, pois segundo Tania de Luca⁶ com a proposta de novos objetos, problemas e abordagens, o historiador foi incentivado a refletir sobre as próprias fronteiras da disciplina. Com isso, altera-se a própria concepção de documento para o historiador que, empenhado em compreender questões mais culturais e trazendo isso à política, tem na imprensa um grande aliado metodológico que “cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.”⁷ Portanto, esta pesquisa tem como objeto principal de estudo o jornal, analisado não como um participante do dito quarto poder, um termo que, segundo Martins, foi forjado na Inglaterra no início do século XIX, onde o jornal “desempenharia papel central na defesa dos interesses dos cidadãos contra quaisquer tipos de violações e abusos cometidos pelo Estado [...] aos periódicos caberia a nobre função de vigiar a atuação do executivo, legislativo e judiciário.”⁸ Entende-se aqui o jornal como o instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se pois, aquelas

² Ferreira, “A nova ‘velha história’”, 265-271.

³ Ferreira, “A nova ‘velha história’”, 33-34.

⁴ Serge Berstein, “Os partidos”, in René Rémond, orgs., *Por uma história política* (Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003).

⁵ Berstein, “Os partidos”, 89.

⁶ Tânia R. De Luca, “História dos, nos e por meio dos periódicos”, in Carla B. Pinski, org., *Fontes Históricas* (São Paulo: Contexto, 2005), 111-154.

⁷ Luca, “História”, 128.

⁸ Ana L. Martins e Tânia R. De Luca, *Imprensa e cidade* (São Paulo. Editora UNESP, 2006), 10.

perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.⁹ Com isso, pretende-se analisar esta imprensa como um instrumento capaz de “tendenciosamente selecionar políticos, fazer governos, decidir eleições.”¹⁰ Partindo deste pressuposto, onde se vê uma imprensa como “manipuladora de interesses”, esta pesquisa estudará o jornal como “agente da história” afim de captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata *imprensa* se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.¹¹ Assim, para se compreender a participação de um jornal na história, parte-se do pressuposto de que “o pesquisador faz, de início, algumas indagações: quem são seus proprietários? A quem se dirige? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes?”¹²

No estudo em questão, serão analisados os jornais *Folha do Oeste e Tribuna Paranaense* da cidade de Guarapuava, localizada na região centro-oeste do Paraná. A análise consistirá no estudo do discurso de seus editoriais e de artigos que demonstrem explicitamente a opinião dos veículos. Durante as campanhas eleitorais, serão analisadas também as propagandas políticas veiculadas nos mesmos, que incrementam o discurso de seus proprietários durante o ato eleitoral. Com relação à propaganda política em questão, são de grande importância os estudos da historiadora Maria Helena Capelato, principalmente a sua obra *Multidões em Cena* em que a autora faz uma análise a respeito da propaganda política construída pelos governos varguista no Brasil e peronista na Argentina e a forma como seus líderes utilizaram-se da chamada comunicação de massa para atingir novas formas de controle social. Para a autora:

a história que hoje se impõe afasta-se das anteriores na medida em que coloca o estudo do poder na nova problemática; esse estudo não se confunde com as teorias do Estado e se desenvolve na perspectiva de interpretações do poder por outros prismas e de reconhecimento de outras formas políticas. Isto possibilitou a exploração de novos temas de pesquisa relacionados à cultura política e/ou à história das representações políticas constituídas por imagens, símbolos, mitos e utopias.¹³

⁹ Maria H. R. Capelato e Mari L. Prado, *O Bravo matutino* (São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1980), XIX.

¹⁰ Martins e Luca, 40.

¹¹ Maria H. R. Capelato, *A imprensa na história do Brasil* (São Paulo: EDUSP, 1988), 21.

¹² Capelato, “A imprensa”, 14.

¹³ Capelato, “A imprensa”, 25-26.

Assim sendo, “o estudo da propaganda política insere-se na história política renovada, onde a análise dos imaginários e da cultura política ganha destaque. Nesse campo em que o estudo de idéias, imagens, símbolos, mitos, utopias permite a conexão entre política e cultura, o estudo da propaganda política nos regimes de massa encontrará um caminho muito profícuo.”¹⁴

História e imprensa no Brasil dos anos 1950: veículos de informações ou arenas políticas?

Segundo Barbosa, a imprensa nos anos 1950, fase em que se consolida o “mito da modernização”, era caracterizada

como um momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundamental de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo. A mítica da objetividade – imposta pelos padrões redacionais e editoriais – é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor [...] portanto, analisar as transformações por que passa a imprensa no período é visualizar o discurso memorável dos que se autodenominam agentes dessas mudanças e promover uma discussão em torno das relações entre imprensa e poder.¹⁵

Assim,

o que os jornais pretendem é não apenas atuar no campo político [...] mas, sobretudo, conseguir mobilização cada vez maior do público. Quanto maior a sua audiência, maior o seu poder de divulgação e a lógica da conquista do próprio poder. E nada mais condizente com o momento social da década de 1950 do que se transformar mais do que em portavozes da modernização, mas em seu próprio emblema, produzindo um jornalismo em padrões completamente diversos do que fora feito até então, pelo menos no discurso com que referendam este processo. Nada melhor também para conseguir audiência do que divulgar ao extremo que produzem um discurso que apenas espelha o mundo. E conseguir audiência é sempre poder.¹⁶

¹⁴ Capelato, “A imprensa”, 35.

¹⁵ Marialva Barbosa, *História cultural da imprensa*, (Rio de Janeiro: Mauad X, 2007), 150-51.

¹⁶ Barbosa, 153.

Portanto, vemos uma imprensa que, para divulgar o mito da modernização, teria que se assumir neutra, apenas como um “veículo de notícias”, mas que, conscientemente, estaria veiculando e selecionando aquilo que supostamente poderia lhe beneficiar. Vale lembrar, que esta fase de nossa imprensa, é marcada também por jornais de forte caráter empresarial, que muitas vezes dependiam de capital externo e investidores e que, conseqüentemente, não possuíam ideais políticos neutros. Logo, esta ideia de um jornalismo totalmente neutro e imparcial deve ser vista em suas especificidades. Em uma imprensa em que os jornalistas se viam como “porta vozes do poder”, há um discurso, por mais que não explicitamente, carregado de subjetividade. É a ideia de um jornal como “partido”, que “desempenha não só função política, mas também de propaganda, de polícia, de influência moral e cultural. A função política é indireta, pois há sempre outros partidos, com os quais travam extensa polêmica e, às vezes, luta explícita.”¹⁷

Logo, por mais que se construa, nesta fase, a ideia de jornais pautados na objetividade e na neutralidade, vemos na imprensa dos anos 1950 “lugares fundamentais para a tomada de posição política, onde o confronto se destaca.”¹⁸

No entanto, neste contexto, vemos em Guarapuava uma imprensa ainda em fase de construção, a busca por um “veículo de informações” é constante, nota-se a preocupação de jornais “a serviço da coletividade”, “jornal para o povo”. Mas, por mais que se pense em um jornalismo pautado na neutralidade, os jornais regionais aqui estudados são peças importantes na construção de “culturas políticas” específicas, moldadas cada qual para os interesses de seus partidos/proprietários. Vale lembrar que essa é uma questão que também se evidenciava no cenário nacional. Casos notórios ocorreram no Rio de Janeiro no mesmo período,¹⁹ porém, neste caso, as evidências são muito mais diretas e explícitas.

O jornal *Folha do Oeste*, fundado em 1937, foi, durante um longo período, tido como imprensa “oficial” no município de Guarapuava, devido à ausência de uma imprensa de oposição que atacasse diretamente as suas opiniões.

Seu proprietário, Antônio Lustosa de Oliveira, nasceu em 1901 no distrito de Pinhão. Era filho de pecuaristas da região, representantes de uma elite que vinha dominando a cidade desde a sua fundação, mas que foi, aos poucos, perdendo a hegemonia. Lustosa, segundo relatos de sua autobiografia²⁰ sempre

¹⁷ Barbosa, 152.

¹⁸ Barbosa, 163.

¹⁹ Como exemplo, podemos citar o caso da *Tribuna Política* (de propriedade de Carlos Lacerda) e do *Última Hora* (de propriedade de Samuel Wainer), jornais criados “a partir da vinculação estreita de seus proprietários com a política”. Para mais, ver *Tribunas Políticas*.

²⁰ Para mais sobre “vida e obra” de Antônio Lustosa de Oliveira, consultar sua autobiografia: *Passos de uma longa caminhada (reminiscências)*. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. s/d

teve grande gosto por “ser repórter” e pelas práticas jornalísticas. Fundou e dirigiu *O Pharol*, seu primeiro jornal aos dezoito anos de idade, em 1919 e *O Correio do Oeste* em 1928. Mas foi mesmo com a *Folha do Oeste*, em 1937, que começou a utilizar a imprensa com maior intensidade para a propagação de seus ideais políticos.

Segundo Walderez Pohl da Silva, em sua dissertação de mestrado, Lustosa “conduziu o universo mental de expressiva parcela da população e, principalmente, da elite de Guarapuava, durante vários anos.”²¹ Lustosa foi prefeito municipal de 1944 a 1946 e três vezes eleito deputado estadual. No pleito de 1958, período o qual este estudo aborda, Lustosa lançou-se à candidatura de deputado federal pelo Partido Social Democrático, PSD.

O PSD, tido como herdeiro do sistema vigente pós-redemocratização, era um dos partidos de direita mais atuante no cenário nacional, com grande força representativa. Em 1945, o partido compunha mais de 50% da bancada partidária na Câmara Federal.²² No entanto, o PSD, assim como outros partidos ditos conservadores como a UDN e o PR, “estavam fadados a perder terreno para os partidos reformistas/populistas em virtude das mudanças sócio-econômicas, e particularmente dos processos de industrialização e urbanização verificados durante o período.”²³

Um desses partidos que começa a combater a representatividade do PSD é o Partido Social Progressista – PSP, de João Ferreira Neves. Neves era médico e, como veremos, fazia parte de uma parcela da população que começa a crescer e combater a hegemonia dos antigos habitantes, mais conservadores e de origem agrária, da qual Lustosa também fazia parte. Seu jornal, *Tribuna Paranaense*, fundado em 1946, era um veículo de forte caráter contestador, surge de forma clara para lançar a reeleição de seu proprietário a deputado estadual pelo PSP²⁴ e combater a oligarquia dominante do PSD na região.

Porém, antes de lançar-se candidato a deputado pelo PSP, Neves já fora grande aliado de Lustosa, inclusive um dos líderes do PSD e da Câmara Municipal de Guarapuava pelo mesmo partido.

Anos antes de travar incansáveis embates através de seu jornal, Neves sempre aparecia estampado no jornal de Lustosa como grande companheiro. O jornal *Folha do Oeste* de 11 de junho de 1950 retrata Lustosa e seus aliados, dentre eles, Neves, como “ilustres guarapuavanos que se dedicam, de corpo e

²¹ Walderez P. da Silva, “Guarapuava: crônica de uma cidade anunciada (1819-1978)” (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista – Assis, 1998), 95.

²² Lúcia M. L. Oliveira, “O Partido Social Democrático,” in David V. Fleischer, org., *Os partidos políticos no Brasil vol. I* (Brasília: Ed. UnB, 1981).

²³ Maria do C. C. de Souza, *Estado e partidos políticos no Brasil, 1930 a 1964* (São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1976), 141.

²⁴ J. Neves já fora eleito deputado estadual no pleito de 1954 pelo PSP.

alma, com sacrifício de seus próprios interesses, nessa tarefa empolgante, cheia de vicissitudes, mas altamente cívica, que é a de construir uma Guarapuava maior.”²⁵

Ainda nesta mesma edição, o semanário traz uma matéria intitulada *Aniversaria-se o Presidente da Câmara Municipal*, na qual é possível perceber a intenção de tornar evidente a relação de cumplicidade e simpatia entre Lustosa e Neves:

Com a mais grata satisfação noticiamos o aniversário natalício do Dr. João Ferreira Neves, muito digno representante da câmara municipal desta cidade, honrado presidente do Partido Social Democrático. [...]

O aniversariante não só goza de grande conceito na sociedade local, como homem público e verdadeiro paladino do progresso desta terra, mas é um cidadão probo, filantrópico, cuja missão de facultativo, tem dedicado mais a pobreza de Guarapuava, sem aquela ganância pela recompensa material. [...]

Homem de farta riqueza moral, revestido de dignidade e atitudes desassombros, de inquebrantável caráter e espírito público. [...]

Folha do Oeste, compartilhando da alegria que hoje invade os corações de sua amantíssima esposa e filho, suplica a Deus Todo Poderoso que esta felicíssima data se repita por muitos e muitos anos, para ventura dos seus e para o bem de todos os que necessitam de seu trabalho profissional e de sua inteligência no setor da administração pública do município.²⁶

Como é de se observar, *Folha do Oeste*, Lustosa, Neves e o PSD compartilhavam, na época, de uma grande família, unidos de espírito “verdadeiramente democrático” em prol do progresso de Guarapuava/PR.

No entanto, esta união tem seus alicerces destruídos logo no ano seguinte, quando se realizou mais um pleito para sucessão da Prefeitura Municipal. De um lado, Joaquim Prestes, candidato do PSD e, conseqüentemente, aliado da *Folha do Oeste*. De outro, José de Mattos Leão, da oposição, candidato pela coligação PTB, UDN e PRP, que consegue a vitória.

A *Folha do Oeste*, em sua edição de 29 de julho de 1951, em matéria sob o título de *Louvável Expurgo*, cita a expulsão do diretório local do PSD de ex-membros que supostamente “traíram vergonhosamente os seus companheiros de ideal político, trabalhando pela vitória dos candidatos adversos, no pleito de 22 de julho.”²⁷ Dentre eles, está a figura do homem que há um ano fora descrito como um indivíduo de “farta riqueza moral” e de “inquebrantável caráter e

²⁵ Rodrigues Oliveira, “Com Lustosa de Oliveira, legítimo representante do povo de Guarapuava,” *Folha do Oeste*, 11 jun. 1950, 1.

²⁶ “Aniversaria-se o presidente da câmara,” *Folha do Oeste*, 11 jun. 1950, 1.

²⁷ “Louvável Expurgo,” *Folha do Oeste*, 29 jul. 1951, 1.

espírito público”, Neves. Segundo o jornal, “atitudes como essa, tomada pelo diretório pessedista de Guarapuava, confortam os homens bem intencionados, que prezam, acima de tudo, os compromissos assumidos, em trabalharem em benefício do partido ao qual pertencem, ao invés de trabalharem atrás da cortina de aço, em benefício das conveniências pessoais.”²⁸

Em matéria presente ainda no dia 29 de junho, o jornal assume a vitória da oposição, afirmando que “não houve nas diversas seções, o menor deslize e tudo se processou normalmente, segundo preceitua o Código Eleitoral em vigor.”²⁹ No entanto, logo em seguida afirma que será “arauto intemorato, mas muito polido do Partido Social Democrático”³⁰ que, “seguindo os ditames de uma sã democracia, formará na fila dos espectadores que tudo esperam do novo governo municipal, sempre naquela posição que lhe aconselham o critério de opiniões e decorrente do seu papel de órgão da oposição ao Governo do Estado e de ora em diante, de expectativa frente ao Governo Municipal.”³¹

Aqui se apresenta uma característica marcante do semanário *Folha do Oeste*, que afirma defender os interesses de sua terra, buscando então um jornalismo objetivo e noticioso, mas que, no entanto, contradiz-se ao afirmar ser sempre arauto incansável do PSD e das realizações de Lustosa de Oliveira.

Como veremos, os jornais aqui analisados, por mais que sempre neguem, mostrarão ser sempre os “arautos incansáveis” dos direitos de seus partidos e, acima de tudo, de seus candidatos/proprietários, mostrando a importância do jornal como mediador dos interesses partidários no embate eleitoral. É a ideia de um jornal como partido, já explicitada anteriormente.

Assim se dá o fim da aliança entre Lustosa (que a partir de então detém hegemonia de grande líder do PSD local) e Neves, que passa a assumir controle regional do PSP. Após este episódio, o jornal começa a simplesmente ignorar a presença de seu ex-aliado, tratando de relatar, em suas páginas, assuntos, agora sim, mais voltados ao interesse geral e políticas do contexto nacional. Fora do período eleitoral, o jornal mostra claramente um teor político mais ameno.

O surgimento da *Tribuna Paranaense*

A *Tribuna Paranaense* foi fundada em 1º de julho de 1956, ano em que Joaquim Prestes (PSD) assumiu a prefeitura de Guarapuava, após uma forte campanha apoiada pela *Folha do Oeste*. O jornal surge em um momento em que o PSD e seus representantes se mostravam bem estabelecidos.

²⁸ “Louvável Expurgo,” 1.

²⁹ “Afinal, o prefeito,” *Folha do Oeste*, 29 jul. 1951, 1.

³⁰ “Afinal, o prefeito,” 1.

³¹ “Afinal, o prefeito,” 1.

Com uma tiragem dita de 5 mil exemplares (e que a *Folha do Oeste* dizia ser impossível para os moldes da época), a *Tribuna* lança sua propaganda como um “jornal a serviço da coletividade”, instruído pela “grande batalha da informação ao povo.” A edição de estreia ainda afirma que são suas prioridades, noticiar “os problemas do povo, suas reivindicações e necessidades [...] no debate livre das opiniões interessadas.”³²

Ainda na mesma edição, o jornal apresenta uma matéria, assinada por Loureiro Júnior (então diretor responsável) e intitulada *A realidade do momento* em que se mostra a importância de uma oposição, num momento em que: “O argumento cedeu lugar a injúria, a literatura ao romance folhetim. O adversário já não é um cidadão honrado, é apenas um ser depravado, cujo procedimento se inspira nos mais desprezíveis cálculos. Ora não neguemos a evidência, o Estado do Brasil é de desespero. Isto só se pode atribuir a uma dessas duas causas, a miséria do país mesmo, ou a escolha sistematicamente péssima dos seus homens públicos.”³³

Com isso vemos desde o início a preocupação da *Tribuna* em tentar mostrar um outro lado, de uma oposição e dos problemas ocasionados pela oligarquia vigente. No entanto, o “jornal a serviço da coletividade” já nos mostra, logo em sua 1ª edição, que possui vigoroso vínculo político partidário. Com apologia à figura de Ademar de Barros, fundador e líder do PSP, partido de Neves, o jornal afirma ser Ademar uma “figura de condestável, que um dia levantará a bandeira de redenção nacional.”³⁴

Logo na segunda edição, de 8 de julho, o jornal publica uma entrevista estampada em quase toda a primeira página (originalmente publicada em *O Cruzeiro*) favorecendo “o grande chefe populista Adhemar de Barros, o homem que, muito em breve, o povo brasileiro fará seu chefe Supremo.”³⁵

Com isso, a *Tribuna* deixa clara seus ideais enquanto imprensa de oposição: apresentar à população o PSP, partido até então pequeno e de pouca penetração na região, por isso a inteligente tática do jornal de mostrar a princípio a figura de seu líder nacional, Ademar de Barros, para depois lançar campanha em favor de seu proprietário e representante local, João Neves.

Esta oposição logo causa reação do jornal *Folha do Oeste* que, em edição de 15 de julho de 1956, faz críticas, ainda leves e indiretas à oposição. O jornal afirma que “quando construtiva e bem orientada, a oposição é uma ajuda, um auxílio à perfeição de qualquer lei que se pense elaborar.”³⁶ No entanto, diz que isso não ocorre em Guarapuava, pois:

³² “O sentido de nosso ideal,” *Tribuna Paranaense*, 1 jul. 1956, 1.

³³ Loureiro Júnior, “A realidade do Momento,” *Tribuna Paranaense*, 1 jul. 1956, 1.

³⁴ “Ademar de Barros...” *Tribuna Paranaense*, 1 jul. 1956, 2.

³⁵ “Ademar: voltarei à luta,” *Tribuna Paranaense*, 8 jul. 1956, 1.

³⁶ Paula Júnior, “Oposição,” *Folha do Oeste*, 15 jul. 1956, 1.

acontece em razão de o fato de serem os elementos da oposição em grande parte formados, enquanto que os elementos que compõe a situação são simples homens afeitos apenas a produzir, sem que tivessem tido tempo de receber uma maior cultura.

Porém, não seria isso que viria a impedir a homogenia de pensamento a sentir dos elementos que compõe nossa câmara, porque, se bem entendemos, entre nós no trabalho em benefício do povo, mais tem feito o homem simples do interior, do que o homem ilustrado da cidade, com toda a sua demagogia,

Os componentes do Partido Social Democrático, lídimos representantes do povo de nosso interior e também os dedicados elementos do Partido Trabalhista Brasileiro, vem agora de ser alvo, por parte de elementos da oposição, de uma campanha que procura desmoralizá-los diante da opinião publica.³⁷

Aqui se percebe uma grande disputa que já começava a se fazer presente desde o início do século em Guarapuava: o choque entre elites, que vinha transformando a sociedade guarapuavana e que, segundo Silva, mais especificamente a partir da extração da erva-mate e da madeira, em meados dos anos 1930, fez emergir outra elite política, que trazendo em sua composição, num primeiro plano, a nova classe enriquecida com a exploração da madeira e ocupando posição menos destacada, os prestadores de serviços, como médicos, engenheiros, dentistas, professores e comerciantes. Essa elite política emergente assumiria o domínio da vida política da cidade, dali para diante.³⁸

Como sua *Tribuna* afirmava à exaustão, João Ferreira Neves era médico respeitado na cidade, uma “outra elite” que passou a tomar destaque na sociedade e na economia de Guarapuava neste período. Esta parcela da população começa então a assumir posição na política regional, antes dominada pelos grandes proprietários de terra e seus herdeiros.

Após o surgimento da *Tribuna*, de suas primeiras apresentações, com conseqüente resposta da *Folha do Oeste*, ambos os jornais começam, de certa forma, a se preparar para o pleito de 1958, desde já propagando as “culturas políticas” de seus proprietários. A partir deste período se tornam constantes, mais de uma vez por edição, matérias enfatizando e enaltecendo a figura de seus líderes, reproduzindo discursos de seus proprietários na íntegra na câmara estadual e relatando o quão interessados e empenhados estão eles por fazer uma Guarapuava melhor.

³⁷ Paula Júnior, 1.

³⁸ Silva, 115.

Já na edição de 28 de outubro de 1956, a *Tribuna* assina: “*Trabalhando por Guarapuava e pelo Paraná.*: O deputado João Neves, sabendo que a erva-mate é um dos principais produtos, veículo de divisas para nosso país e cujo produto serve de amparo aos desfavorecidos pela fortuna e, reconhecendo que é nosso dever trabalhar em benefício dos desamparados, preferiu em uma das sessões da Assembléia Legislativa o discurso que abaixo publicamos.”³⁹

Em 30 de dezembro do mesmo ano, em matéria de mesmo título, o jornal afirma: “O Dr. João Neves tem sido um trabalhador incansável, que sempre se coloca ao lado dos fracos, em todos os momentos difíceis pelo que estes passam. Haja vista sua atuação em defesa dos ervateiros, madeireiros, fazendeiros, safristas...”⁴⁰ E em 20 de janeiro de 1957 sob o título de *Defendendo o interesse dos humildes* afirma: “O Deputado João Neves, que não se cansa em trabalhar pelo interesse dos humildes, dos quais tornou advogado...”⁴¹

O jornal *Folha do Oeste*, como de costume, também se utiliza de suas páginas para enaltecer a figura de seu candidato. Mas aqui o discurso já tem outro teor. Diferente de Neves, que precisa conquistar um eleitorado, Lustosa, já procedente de três mandatos de deputado estadual e proprietário de uma imprensa mais instituída na sociedade, aproveita as páginas de seu jornal para proferir discursos e estampar as obras e projetos de leis apresentados nas assembleias. Frases como “oportuno projeto do deputado Lustosa”, “magnífico trabalho do deputado” “trazendo benefícios ao progresso de nossa cidade” são constantes, indicando que aqui o tom do discurso tem o intuito de mostrar à população o quão incansável é o líder em prol de um eleitorado consciente de seus trabalhos. Diferente de Neves, Lustosa não busca a todo custo angariar votos, pois se acredita estabelecido.

Ao mesmo tempo em que a *Tribuna Paranaense* prepara o eleitorado com os discursos de seu proprietário, ela parte com críticas diretas à administração de seu concorrente Lustosa. O maior propagador desses ataques é a coluna *Coisas que...(a mais lida)*, assinada por “Marretinha”.⁴²

Em 9 de dezembro de 1956, surge a primeira crítica mais direta a Lustosa. Em sua coluna, Marretinha critica, na ocasião, o Primeiro Congresso Florestal, que teve o apoio da Prefeitura Municipal e foi muito divulgado e prestigiado

³⁹ “Trabalhando por Guarapuava e pelo Paraná,” *Tribuna Paranaense*, 28 out. 1956, 1.

⁴⁰ “Trabalhando”, 1.

⁴¹ “Defendendo o interesse dos humildes,” *Tribuna Paranaense*, 20 jan. 1957, 1.

⁴² A partir das fontes consultadas não foi possível afirmar ao certo quem seria a figura por trás de Marretinha. No entanto é evidente que seria um personagem muito próximo a João Ferreira Neves e adepto aos princípios partidários do Partido Social Progressista. Percebe-se também uma suposta “tática política” de utilizar um anônimo nesta coluna, pois é ela que fará os ataques mais cruciais durante toda a construção dos discursos, construindo assim uma cultura política propagada durante todo o embate eleitoral.

pelo jornal *Folha do Oeste*. De forma bem irônica, a coluna faz uma programação alternativa para o Congresso:

7 horas – Missa para que criem vergonha os vereadores que assinaram o projeto da rua Laranjeiras e depois negaram a própria assinatura.

8 horas – Desfile do Corpo de Bombeiros pela principal rua da nossa cidade sobre o comando de Lustosa.

11 horas – Entrega de novos cabrestos aos vereadores do PSD pelo deputado Lustosa, por que o mesmo achou que os que estão em uso são fracos, pois os vereadores assinaram o projeto da rua Laranjeiras e teve dois que quiseram corcoviar.[...]

Dia 10

21 horas – Sessão cinematográfica, dois filmes – *Ingratidão* e *Pouca vergonha*. *Ingratidão* é a historia de quatro homens que trabalham para eleger alguns amigos e depois são por ele levados a barra do tribunal.

Pouca Vergonha é a historia de um homem que tudo fez pela cidade onde morreu, tinha sido vereador e farmacêutico, professor e amigo de todos os moradores da cidade. Fez muita caridade e ajudou a educar muitos filhos dos políticos que assinaram um documento para lhe homenagear, dando o seu nome a uma rua da cidade e depois votaram contra, negando as suas próprias assinaturas e desmoralizando a si próprio. O filme é rodado nesta cidade sobre a direção de Toniquinho Lustoza, o qual consegue, com a história do filme, desmoralizar os seus companheiros de Partido e os seus cabos eleitorais. Não percam esta oportunidade de verem homens que dizem serem homens negarem a sua própria assinatura, coisa que só acontece neste filme.⁴³

Nesta passagem vemos, pela primeira vez, o nome do adversário estampado nas páginas do jornal. Ainda de forma sutil e indireta, mas já mostrando fortes críticas em relação à política de Lustosa.

Em 27 de janeiro de 1957, Marretinha continua suas críticas. Agora de forma bem mais direta ao PSD, o desconhecido autor da coluna escreve:

Este é o PSD local, aprontando a terra para plantar ventos e colher tempestades no ano vindouro. O partido assumiu a forma de um rolo compressor e vem esmagando e inutilizando tudo o que se opõe do seu sucesso ou que tenta se colocar a sua frente.

A ordem é esmagamento total e completa submissão a qual e extrema a e ao nosso prefeito. [...] Não interessa valores ou capacidade [...] o que interessa é o voto. Guarapuavano não pode crescer sabido, tem que ser tolo para acreditar na conversa do PSD. [...]

⁴³ “Marretinha. Coisas que...(a mais lida),” *Tribuna Paranaense*, 9 dez. 1956, 1.

Para Deputado Federal – Lustosa de Oliveira
Para Deputado Estadual – Euripio Rauem
Para Prefeito Municipal – Nino Ribas
Esta é a chapa do PSD
Mas...franquezinha franca. Com esta chapa Guarapuava está no mato.⁴⁴

Em 20 de fevereiro, a coluna de Marretinha é assinada pela direção do Jornal. Afirmando que “não é orientação deste jornal promover ataques”, o jornal, tentando se justificar, assegura que o caráter provocativo das colunas anteriores de Marretinha vinha, na verdade, de outra pessoa.

[...] Chegamos à conclusão e mais tarde o conhecimento que o Marretinha verdadeiro ao chegar de viagem notou outra pessoa escrevendo em seu nome. Como este último procurava escrever ataques às pessoas, desistiu de escrever estes artigos. E este jornal que unicamente visava com a seção de Marretinha esclarecer as necessidades do município e além disso certas partes cômicas que não visassem atacar Pedro ou Paulo, nos conformamos com esta resolução. [...] Pois não é orientação deste jornal promover ataques. Uma vez suspensa a sessão de Marretinha, tomamos a liberdade de prosseguir com *coisas que*, seção esta visando única e exclusivamente as reclamações do povo – no que se refere as necessidades do município.⁴⁵

Mais uma vez, o jornal mostra-se bastante contraditório, pois na mesma edição mantém críticas ao PSD, partido de seu adversário, ao mesmo tempo em que enaltece a figura do PSP. É claro um discurso que tenta se legitimar como o de um jornalismo neutro, imparcial, mas que não consegue fugir dos seus ideais partidários, de uma cultura política específica a ser propagada.

Isso se torna mais evidente, logo em seguida, em edição de 10 de março, “Coisas que..” volta a ser assinada por Marretinha, já contendo novamente ataques diretos a seus adversários, afirmando:

[...] Agora eu não sei se o prefeito, para fazer este serviço, pediu autorização ao Deputado Lustosa, que não deixava de ter seus interessezinhos para o seu Distrito, para a sua reserva de sua meninice ou se fez por alta recreação, porque vamos fazer justiça, o prefeito Prestes é um homem trabalhador, pena é que os elementos aos que presta submissão, são

⁴⁴ “Marretinha,” 1 e 4.

⁴⁵ “A direção do jornal. Coisas que...(a mais lida),” *Tribuna Paranaense*, 20 fev. 1957, 6.

desses elementos, não digo todos, mais alguns, perigosos e perseguidores, capazes para tudo, até para sacrificarem o homem que escolheram para administrar nossa Guarapuava. [...] o vosso Deputado, que é do PSD, o partido que faz tudo quanto quer, inclusive as mais infames e vis perseguições. [...] Felizmente o povo de Guarapuava, no que há de mais culto, começa a compreender que precisamos por qualquer forma, varrer da nossa sociedade os elementos que por todas as formas procuram o nosso esfacelamento social.⁴⁶

Marretinha, esquecendo os preceitos de um jornalismo que visava “única e exclusivamente as reclamações do povo”, aproveita as páginas do jornal para fazer ataques diretos à figura de oposição. Aqui, mostra-se em evidência que a figura do líder/proprietário do jornal era, em muitos casos, o foco central, sendo que o próprio prefeito, Joaquim Prestes, aliado de Lustosa e do PSD, aqui passa sem críticas. Muitos são os ataques diretos proferidos a partir das colunas de Marretinha, descrevê-los a exaustão nos evidenciariam nada mais do que já foi mencionado. As críticas chegam a soar repetitivas, todas com ataques diretos à administração de Lustosa e à oligarquia vigente do PSD. A importância é identificar que, a partir das críticas proferidas por esta coluna, podemos dizer que se inicia um embate maior por parte dos jornais.

No entanto, o jornal *Folha do Oeste*, até então, não faz ataques diretos e relevantes às críticas e nem combate os ataques de seu adversário. Preocupa-se em mostrar repetidamente a situação de progresso pela qual a cidade passa e como o seu candidato, Lustosa de Oliveira, é um dos grandes responsáveis por este feito. Com a chegada do pleito do próximo ano, porém, os discursos começam a tomar outro teor.

O pleito de 1958: a imprensa como legitimação do voto?

Pode-se dizer que com a matéria de 17 de novembro de 1957 da *Tribuna Paranaense* o teor neutro proposto pelo jornal é de vez abandonado. A matéria, assinada por Marretinha, é uma crítica à Rádio Difusora que, segundo ele, é de propriedade, dentre outros, dos dois candidatos, mas estaria fazendo campanha apenas em benefício de Lustosa. “[...] Está certo que a Folha do Oeste, que é de propriedade do Deputado Lustosa, ou a Tribuna Paranaense, que é de propriedade do Deputado João Neves, só elevem os seus proprietários. Mas, a Rádio Difusora Guarapuava, que, entre outros, é de propriedade de ambos os Deputados, referir-se com palavras elogiosas a um só deles, está errado e muito errado.”⁴⁷

⁴⁶ “Marretinha,” 1 e 4.

⁴⁷ “Marretinha,” 1.

Aqui a *Tribuna* assume, afirmando também ser esta a proposta de seu adversário, de que é sim um jornal que “eleva” o seu proprietário. A partir de então, não há mais a necessidade de se encobertar este discurso, o “jornal a serviço da coletividade”, no ano eleitoral, não existe mais.

Iniciado o ano eleitoral, ambos os jornais dedicam-se quase que completamente aos assuntos políticos. Diversos são os ataques proferidos, seja em nível nacional/partidário ou em críticas diretas aos proprietários. Em ambos os casos, percebe-se a grande prioridade que é eleger os seus proprietários e para isto seria necessário alertar o eleitorado sobre o pleito que estaria por vir.

Logo no início de 1958, em matéria publicada dia 12 de janeiro, pela *Tribuna Paranaense*, o jornal avisa: *Vai se renovar a assembléia estadual* e, como de costume, aproveita o momento para enaltecer a figura de seu candidato.

“Começam a surgir os candidatos que irão disputar as 45 cadeiras do Palácio Rio Branco.[...] Se possuíssimos o número que poderemos possuir, podíamos, com felicidade, eleger no mínimo 4 deputados. Se possuíssimos 4 João Neves para candidatar-se, não veríamos somente Guarapuava com suas atividades industriais desenvolvidas, pois que os eleitores que vem acompanhando a situação deste Deputado, naturalmente teriam observado que ele [...] nunca esquece do povo.”⁴⁸

Nesta mesma data, o jornal já começa a incluir propaganda política, que vai até as vésperas da eleição. O jornal destaca: “O POVO DE GUARAPUAVA E O POVO DO PARANÁ. Para ver concretizados seus anseios de progresso têm necessidade de reconduzir a Assembléia Legislativa o seu legítimo representante JOÃO F. NEVES. Guarapuavano alista-te e de teu voto ao grande líder de tua terra.”⁴⁹

Temos então, logo no início do ano eleitoral, pedidos diretos de voto, o que se torna constante durante a campanha. Como destacado anteriormente, a preocupação do jornalismo neutro e a serviço da informação é abandonado durante o período eleitoral. Aí a importância de se pensar a dualidade presente entre a imprensa como mediadora e porta-voz de discursos e interesses políticos específicos (e por que não, “culturas políticas”) e a imprensa adequada às lógicas de circulação e de mercado. Deve-se ressaltar que estas “ideias de imprensa”, por mais que entendidas como opostas, são, em grande parte dos casos (e, principalmente, nos aqui estudados) vistas como aliadas e de um bem recíproco em benefício de seus proprietários. Esta cultura política é constituída e propagada de acordo com as necessidades de conquista de um público leitor que, possivelmente, se assume e se torna um eleitorado.

⁴⁸ “Vai se renovar a Assembléia Estadual,” *Tribuna Paranaense*, 12 jan. 1958, 1.

⁴⁹ “Vai se renovar,” 1.

Folha do Oeste, ao mesmo tempo, também assume esta postura, preparando o seu possível eleitorado para o pleito. No entanto, já com uma postura mais crítica em relação à oposição. A matéria *Comentários*, de 02 de fevereiro de 1958, afirma

[...] O PSD de Guarapuava, [...] é um partido que conseguiu extraordinariamente arregimentar as grandes massas eleitorais de Guarapuava, tendo como líder, a figura de Lustosa de Oliveira, seu atual presidente e personalidade de prestígio indiscutível.

[...] O fato de ser o partido de maior número de eleitores, tem trazido ao PSD inúmeros ataques e campanhas de seus adversários políticos que não lhe poupam e não lhe dão tréguas nas campanhas eleitorais. [...] Mas esses esforços são inúteis. [...] E mais uma prova disso iremos ter quando na próxima Convenção Municipal do PSD. Homens do interior, homens da cidade, o povo num sentido amplo, irmanados dentro do mesmo princípio, da mesma opinião, batalhando com o mesmo idealismo e tudo fazendo pelo bem e progresso de nossa querida Guarapuava.⁵⁰

Este trecho nos mostra a nova postura assumida pelo jornal durante a campanha. Até então não muito preocupada em rebater as críticas e acusações, a *Folha do Oeste* vai tentar, durante toda a campanha, responder e se desculpar de todas as muitas críticas e acusações proferidas pelo adversário, tentando, a todo custo engrandecer a imagem de seu partido e proprietário. Enquanto que a *Tribuna*, agora, enaltece a cada edição a figura de seu líder, sem deixar de fazer duras críticas à administração de Lustosa e do PSD.

Após algumas edições em que os ataques são constantes, os jornais preocupam-se em evidenciar os feitos de seus proprietários durante os mandatos. Com a chegada do pleito, enaltecer a figura do líder já não se torna suficiente, muitas vezes há pedidos de voto. Em 11 de maio de 1958, a *Tribuna Paranaense* escreve: “De toda parte nos vem a notícia de que o candidato do povo Dr João Neves vem alcançando a mais franca aceitação de parte do eleitorado e isso pela maneira por que vem se conduzindo no primeiro quadriênio de sua eleição. Ninguém ignora a sua posição de colaboracionista do governo Moyses Lupion. Ninguém ignora que ele não pertence ao PSD. [...] O eleitorado guarapuavano, em sua grande maioria, que se acha espalhado pela vastidão imensa de seus inúmeros distritos irá, em 3 de outubro, manifestar seu reconhecimento e civismo, votando no seu grande benfeitor e amigo João Neves. [...] Você também leitor amigo, lembre-se que João Neves já curou um vosso ente querido e por isso mesmo, testemunhe-se a tua gratidão dando a ele o voto que ele merece.”⁵¹

⁵⁰ Paula Júnior, “Comentários,” *Folha do Oeste*, 2 fev. 1958, 1.

⁵¹ “O pleito de 3 de outubro,” *Tribuna Paranaense*, 11 maio 1958, 1.

Nesta mesma edição, a *Tribuna*, comentando um incidente ocorrido durante eleição para a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guarapuava, na qual o representante do PSD saiu derrotado, afirma: “Que esta contundente derrota lhe sirva de exemplo e de advertência – ao pessedismo ela marca irrecorrivelmente o – COMEÇO DO FIM.”⁵²

Estas passagens representam o que era a *Tribuna Paranaense* durante a campanha, um veículo de propagação das obras realizadas pelo seu proprietário, crítico direto ao PSD. As críticas e os ataques a todo o momento tinham o fim de combater o discurso hegemônico, que até então possuía o PSD e sua *Folha do Oeste*. Assim como o que veio a acontecer com a *Folha*, as notícias são completamente deixadas em segundo plano, servindo apenas como forma de ainda tentar mascarar um “discurso jornalístico objetivo”. A “coletividade” e o “povo” que os jornais sempre se referem, nada mais são do que um eleitorado que se almeja conquistar.

Diante destas inúmeras e incansáveis críticas é que percebemos a mudança de teor e postura de *Folha do Oeste*. Com a chegada do pleito, há a necessidade de reagir às críticas, fazendo jus ao partido hegemônico e de maior representação na cidade. Em sua próxima edição de 04 de maio de 1958 a *Folha*, mostrando uma postura não mais passiva diante da oposição, reproduz na íntegra a matéria da *Tribuna*, tentando se defender do ataque, afirmando ser o projeto autoria de Lustosa. Aproveita o espaço também para, como de costume, desconstruir a imagem do adversário, que segundo o jornal afirma: “[...] Não sabemos o que melhor apreciar nesta estonteante notícia, se a sua descrição em si ou a elegância do fraseado, burilado em cristalino estilo vernáculo. [...] No entanto, os afoitos escribas do semanário que ostenta o pomposo cabeçalho “Tribuna Paranaense”, confundindo maliciosamente, alhos com bugalhos, rabiscaram aquelas lapidares frases, acima transcritas. Restabelecendo, assim, a verdade, que julgue o povo, quem mentiu deslavadamente, com o inglório intuito de tapear os incautos.”⁵³

Com estes ataques, a *Folha do Oeste* assume durante a campanha uma postura não mais indiferente. Com a chegada do pleito parece que a ideia de simplesmente calar-se diante dos fatos proferidos pela oposição não seria a melhor opção. No entanto, a *Folha do Oeste*, ao rebater as críticas, muitas vezes se coloca em uma postura muito semelhante à própria *Tribuna Paranaense* logo no seu surgimento, que era de lançar críticas depreciativas à administração de seu rival.

Quando se dá a chegada do pleito, a maior crítica da *Folha do Oeste* em relação à *Tribuna* é aquela que o jornal comumente denominava de “incoerência

⁵² “A eleição da mesa da Câmara,” *Tribuna Paranaense*, 1.

⁵³ “O que vai pela Assembléia,” *Folha do Oeste*, 4 maio 1958, 1.

partidária”. O PSP, como não possuía nenhum forte representante a deputado federal na região, lançou apoio à candidatura de Petrônio Fernal do PTB. Assim como Neves, Petrônio Fernal começa a ganhar destaque nas publicações do jornal, tido como grande aliado e digno representante dos interesses da região. Assim, a *Tribuna* começa a lançar campanha desenfreada para os dois candidatos.

Pela primeira vez percebe-se que a *Folha do Oeste* tinha um candidato direto de oposição, pois, por mais que Neves e sua *Tribuna* tentassem desconstruir a imagem e candidatura de Lustosa, ambos não concorriam diretamente ao mesmo cargo. A partir de então vemos na *Folha do Oeste* críticas mais consistentes, preocupadas em evidenciar “incoerências” e supostas fraudes praticadas pela oposição. No entanto, apesar de ser Petrônio Fernal o adversário direto, as críticas maiores sempre são a Neves. Era ele quem estava sendo incoerente, era o PSP o partido que não seguia os corretos preceitos partidários.

Assim como os ataques antes proferidos por Marretinha, neste segundo momento as críticas e os embates, de tão constantes, chegam a soar repetitivos, discursos depreciativos e embates tão constantes que parecem não mais ter um fim. Até a chegada das eleições o que se percebe nas páginas dos jornais e, cada vez mais, é o que a todo momento é aqui explicitado: matérias enaltecendo a figura de seus proprietários, pedidos de votos e críticas diretas aos adversários.

Com isso, temos o resultado das eleições que, em razão de seu desfecho, são mostrados com teores completamente opostos em ambos os lados. Apesar da forte campanha de seu jornal, Lustosa de Oliveira consegue apenas o posto de 1º suplente pelo PSD. Petrônio Fernal é eleito com uma votação muito superior a de seu adversário. Já para a deputação estadual, João Ferreira Neves consegue a reeleição, sendo que Joaquim Prestes, candidato do PSD, não se elege.⁵⁴

Na edição de 10 de outubro de 1958, logo após o pleito, vemos estampado na *Tribuna Paranaense* os resultados parciais dos votos em Guarapuava. A edição ainda aproveita para fazer breve comentário acerca da situação, com o título: “Fragorosamente derrotado o PSD de Guarapuava”:

⁵⁴ Os resultados oficiais são os seguintes: Petrônio Fernal – 26.129 votos. Antônio Lustosa de Oliveira – 8.086 votos. João Ferreira Neves – 4.713 votos. Joaquim Prestes – 2.603 votos. Retirados de: *Resultados eleitorais. Paraná 1945-82*. Ipardes. (Fundação Edson Vieira: Curitiba, 1989).

O resultado do pleito de 3 de outubro, em Guarapuava, constitui uma bela demonstração de madureza política do brioso e altivo eleitorado de nossa terra, que cansado e desiludido, reagiu denodadamente contra a situação dominante, que a cada vez mais se distanciava do interesse do povo em prejuízo do bem público, não hesitando em impor-lhe o seu repúdio e infringir-lhe uma derrota impressionante, desprezando a chorosa, mistificadora e demagógica propaganda de candidatos ultra conservadores, ainda apegados ao mandonismo prepotente, sustentados pelas perseguições odiosas, pela intimidação [...], esquecidas que o antigo eleitorado do cabresto foi destruído pela evolução política que se opera no país e pelo aprimoramento do sistema eleitoral que é a essência do regime democrático, dando lugar a um corpo de votantes esclarecidos e conscientes, que nesta pugna cívica demonstraram um alto índice de politização, escolhendo com acerto os melhores candidatos, entre aqueles que não mistificam, não mentem e não temem o povo, porque estão perfeitamente integrados a esse mesmo povo.⁵⁵

Neste discurso, fica clara a cultura política que se compôs e se propagou pelo jornal durante toda a campanha. A idéia de um partido que entraria em cena para combater a hegemonia vigente (“conservadora, demagógica, anti-democrática”). Estaria então o povo maduro e esclarecido a respeito das novas necessidades políticas para a região, que elegeu representantes “integrados ao povo”. A satisfação com o resultado das eleições é estampada em todas as matérias.

Já a *Folha do Oeste*, de forma bastante tímida, em 12 de outubro de 1958, tem como matéria de destaque: *Principais resultados das eleições em Cascavel*. O jornal tenta, por mais que derrotado, amenizar o impacto das notícias. Visto que, em Cascavel, Lustosa conseguiu um número mais significativo em relação a seu rival, o jornal estampa em primeira página estes resultados, colocando apenas em segundo plano, dentro da publicação, os resultados em Guarapuava.

Estas são as únicas considerações a respeito das eleições. Todo aquele discurso hegemônico e confiante de *Folha do Oeste* esvai-se com o resultado das eleições. Na próxima edição, o jornal nem sequer cita o pleito de 3 de outubro, voltando a tocar no assunto apenas na edição do dia 26 de outubro. Apesar da derrota, a *Folha* escreve: “Praticamente concluídos os trabalhos de apuração em todo o Estado – Lustosa de Oliveira eleito 1º suplente do PSD deverá assumir a Deputação Federal – elege o Partido Social Democrático a maior bancada na Assembléia Legislativa.”⁵⁶

⁵⁵ “Fragorosamente derrotado o PSD,” *Tribuna Paranaense*, n. 113.

⁵⁶ “Os novos representantes parlamentares,” *Folha do Oeste*, 26 out. 1958, 1.

Percebe-se que a *Folha do Oeste* tenta minimizar os impactos da derrota, evidenciando os resultados num âmbito mais geral. Assim, o jornal que perpassa uma cultura política de caráter mais conservador, tem o intuito de mostrar, com estes discursos, a ideia de que o PSD, partido de grande força na região, apesar dos resultados, não tenha saído derrotado. No entanto, na mesma edição, lança matéria de indignação a respeito do pleito.

Venceram o engodo, a fraude, a corrupção e o dinheiro.

Feriu-se o pleito eleitoral em 3 de outubro do findante, para renovação da Assembléia Legislativa e da Câmara Federal. Nossa terra com cerca de treze mil eleitores só conseguiu eleger um deputado estadual e um federal, em primeira suplência.

Lamentável a incompreensão dos guarapuavanos que encheram de votos os adventícios e pára-quedaistas em desproveito dos interesses de sua Comuna.

Outro fato que enodou o final dessa campanha cívica fora o desplante com certos partidos políticos (principalmente um) em acintuoso desrespeito a lei, deram ordem a seus cabos eleitorais de que o objetivo máximo era vencer – mesmo tripudiando sobre a consciência cívica do eleitorado.

A ordem era vencer – meios poderiam ser quaisquer – mesmo mediante engodo, fraude, corrupção e dinheiro.⁵⁷

Os discursos apresentados evidenciam o caráter desses jornais. Enquanto o partido vitorioso se orgulha do resultado e de ter conseguido, enfim, combater uma hegemonia vigente, os derrotados culpam a oposição de ter sido corrupta e fraudulenta. São choques que, agora mais do que nunca, entram em evidência com o resultado das eleições.

Assim, a *Tribuna Paranaense*, jornal de oposição e, possivelmente, ainda de uma menor penetração na sociedade, tomou a imprensa como um espaço de tentativa de desconstruir um discurso hegemônico que se perpetuava há mais de dez anos na sociedade guarapuavana. Lançado em 1956, dois anos antes das eleições em que seu proprietário tentaria a reeleição, mostra claramente, desde suas primeiras edições, que seria não um jornal “a serviço da coletividade” como sempre afirmava, mas sim um veículo de propagação dos ideais de seu líder, com o objetivo de conquistar um maior eleitorado.

Já a *Folha do Oeste*, há mais de vinte anos como um veículo oficial em Guarapuava, poderia, de certa forma, manter-se mais próximo do sentido de um “veículo de notícias”. Possuía um maior número de páginas, logo, havia

⁵⁷ “Venceram o engodo, a fraude, a corrupção e o dinheiro,” *Folha do Oeste*, 26 out. 1956, 1.

mais espaço para outras seções que não as de política partidária. No entanto, o que percebemos ao longo do estudo é que, com o tempo e com a chegada de uma forte oposição, o jornal vai abandonado aos poucos esse teor, tendo que se voltar para as críticas e acusações, com a preocupação de perder um eleitorado para um grupo ascendente e que agora combatia a hegemonia vigente.

Com o resultado do pleito, vimos que João Ferreira Neves conseguiu com bastante êxito atingir seus objetivos, muito propagados pela sua *Tribuna*. Já Lustosa e toda a oligarquia vigente do PSD pela primeira vez, recebem uma grande derrota, sendo que este seria o último cargo político almejado pelo candidato.

Esta imprensa como mediadora de um discurso político foi o palco de construção textual e de apresentação de uma nova configuração da cultura política que vai, aos poucos, interagindo com as características de uma sociedade em transformação. Daí provavelmente o fato de a oligarquia vigente do PSD vir perdendo espaço para um grupo em ascensão e a importância de um veículo que ajudasse a propagar os ideais deste novo grupo.

No entanto, saber ao certo se estas posturas e discursos, propagados em exaustão durante a campanha, foram diretamente responsáveis para a eleição de um ou outro candidato foge das proporções do estudo. Porém, buscamos mostrar aqui os possíveis de uma época. Os jornais estudados atuaram como veículos de construção e propagação das ideias dos grupos em disputa o que, conseqüentemente parece ter influenciado o eleitorado e todo o resultado final do pleito.